

## De olhos cerrados: uma experiência poética da cidade

Kelly WENDT<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente relato de pesquisa traz reflexões acerca do processo criativo da série de trabalho De Olhos Cerrados- Cidade que evoca questões relativas a experiência da deambulação por Satolep. Processo que passa ser fonte de criação e que pensa a cidade dentro de um contexto político e poético, vislumbrando a estética urbana e permitido ser afeta por ela.

Palavras Chaves: Deambulação, Satolep, cidade, poética, olhos cerrados

**Abstract:** This research report reflections on the series' creative work with his eyes closed-city issues that evokes the experience of walking by Satolep. Process that is a source of creation and who thinks the city within a political context and poetic, seeingthe urban aesthetic and allowed to be affected by it.

Keywords: Ambulation, Satolep City, poetic eyes closed

### Introdução

A série de trabalhos poéticos “De olhos cerrados: Visões sem Lembranças”, é resultado de uma pesquisa desenvolvida durante o mestrado em Artes Visuais no Progrma de Pós-Graduação em Artes nos anos de 2009-2010. O conjunto de trabalhos reflete o contexto da cidade. Alguns evidenciam, mais do que outros, a experiência perceptiva da cidade de Pelotas. Desta forma, nesse artigo me preocuparei em abordar meu processo criativo a partir da experiência das deambulações entre os diversos elementos da cidade, principalmente o objeto fotografado, a arquitetura esquecida de Pelotas.

Desta forma, nesse artigo me preocuparei em abordar meu processo criativo a partir da experiência das deambulações entre os diversos elementos da cidade, principalmente o objeto fotografado, a arquitetura esquecida de Pelotas.

Vejo a minha produção artística como um conjunto de formas que compõem e constroem o trabalho. Pontos que envolvem o processo de criação, método de captura e reprodução da imagem da cidade, por meio de deambulações pela cidade e através um inventário de casas com abertura lacradas, olhos cerrados. Por fim, o trabalho promove a circulação dessas imagens por meio de múltiplos.

Os trabalhos da minha trajetória artística contidos na série De olhos Cerrados estão relacionados à cidade, mas, mais do que isso, está vinculada a percepção de seus transeuntes. A forma que as pessoas vêem sua cidade enquanto caminham entre seus

---

<sup>1</sup> Pesquisadora (CNPq/UFPel), artista visual e mestre em Poéticas Visuais (Capes/UFSM).

prédios e como isso as afeta. Da mesma forma que a cidade também é reflexo da ação de seus habitantes.

Assim apontarei reflexões acerca da cidade a partir das fotografias das casas lacradas. A cidade e sua organização caótica, passa ser o atelier. Pois é nela que traço os percursos que fornecem a matéria prima para meus trabalhos. Caminhadas descomprometidas, banais e repetitivas pela cidade de Pelotas, permitem-me absorver e compreender a atmosfera do lugar. Os trabalhos apropriam-se da imagem da cidade, das ruas quadriculadas, de fáceis caminhadas, de infinitos cruzamentos e de edificações que seguem um ritmo e um padrão específico por tempo e espaço (principalmente na zona portuária e centro).

Os trabalhos “Vitrines”, “De dentro para fora”, com o vídeo “Redentor” e o vídeo “Deambulações Satolépticas” produzem em comum, imagens que exploram a percepção espacial da cidade de Pelotas, poeticamente chamada de Satolep.

Desta forma, faz-se necessário pensar a cidade a partir da experiência do corpo no espaço e apontar questões devido à um olhar atento para a estética urbana, a qual foi construída pela história das relações sociais, econômicas e políticas. Sua imagem dá-se a partir dos reflexos de atividades relacionadas a condutas incorporadas à sociedade, à vida cotidiana, ao trabalho, à família, ao consumo e aos amigos. A ação dos cidadãos garante a vida da cidade e suas transformações através do tempo.

### **Contextualizando a poética De Olhos Cerrados**

As deambulações por Pelotas, cidade do Rio Grande do Sul, Brasil, por onde caminho, permitindo-me ver a cidade com seus inúmeros elementos, os quais constituem o ambiente urbano. Percorrer a cidade é uma experiência perceptiva. Seu desenho, sua imagem, suas formas, ritmo e padrão e elementos vivenciados pelo corpo expedem a percepção da estética urbana.

A arquitetura destaca-se, nesse contexto, por ser elemento importante para a construção da imagem da cidade. É, portanto, o objeto de minhas fotografias realizadas por camerafone<sup>2</sup>. A memória da cidade está também na memória de sua arquitetura. A imagem da cidade reúne prédios esquecidos, paredes pichadas, ruínas, terrenos abandonados, os quais alteram a estética urbana e confundem os meus olhos diante da realidade.

Nesse deslocamento pelas ruas da cidade vou ao encontro de imagens surreais em prédios desfuncionalizados, as casas de olhos cerrados, que expressam a

---

<sup>2</sup> Aparelhos de telefone móvel com câmera são chamados internacionalmente de camerafone, sendo que o primeiro foi lançado no Japão em maio de 1999. (Rónai, 2006)

inexistência do lar, um deslocamento de função, uma alteração de comportamento natural das coisas. Mais do que simples restos de arquitetura, são intervenções no espaço urbano. Enfim, como afirma Milton Santos (2007, p.09), “(...) o espaço é a acumulação desigual de tempos”.

Esse olhar para as casas lacradas fizeram com que eu observasse características em suas arquiteturas, as quais se repetiam e trazia um ar melancólico, uma sensação de desconhecido, de imaginário ou surreal à compreensão da inexistência da cidade para as pessoas. Dessa forma, o trabalho é uma crítica à cidade feita para o mercado, à cidade de poucos, que não conhecemos e é esquecida em casas mudas, ou seja, em arquiteturas sem funções, onde os elementos estéticos deflagram o problema da moradia, o descaso com a cidade e a falta de consciência política dos cidadãos espectadores.

Isso permite apropriar-me do espaço urbano, observar elementos visuais descontínuos na cidade, adaptações, reconstruções, aplicações que, por consequência, empobrece as arquiteturas e polui visualmente as cidades, já que atendem às necessidades comerciais ou de moradia.

Desta forma, observo a cidade como um lugar efêmero, uma construção no espaço em constante mudança. Construída e desconstruída por mobilidades, deslocamentos gerados pela contemporaneidade, seja pelos corpos ou pela comunicação entre eles. É um espaço vivido e percebido por seus habitantes através de representações e impressões individuais ou coletivas. Os cidadãos são participantes ativos, construtores que desenham e modelam o espaço urbano, criando ambientes, ruas, caminhos e proporcionando a expansão deste vasto labirinto. Marc Augé, (1999), diz que “(...) são os passeantes que transformam em espaço a rua geometricamente definida pelo urbanismo com lugar”. (p.75)

O mesmo autor usa as noções Michel de Certeau para descrever lugar e não-lugar. Para ele, “não lugar” tem o mesmo conceito que o “espaço” de Certeau, um lugar praticado, resultante do deslocamento de forças motrizes. O lugar, por sua vez, não é a oposição, mas sua forma mais pura, a da memória jamais apagada. A cidade de hoje é a medida, ou a imagem da época em que vivemos. Diante disso, um lugar praticado é produto da ação de corpos, de redes, de meios de transporte ou da comunicação.

Pois, na história da humanidade, as cidades sempre representaram a dominação do homem sobre o espaço. Um espaço construído, destruidor de um espaço natural existente. Desde a polis grega, a cidade é um símbolo de poder para o homem e seu projeto a idealização do espaço. Modelos de cidade são implantados, organizam e controlam o espaço urbano e as pessoas que ali moram, racionalizam o

espaço para torná-lo funcional, adequado ao progresso e ao crescimento arquitetônico, seguido pela política e pela economia global (Schultz, 2008)

Assim as transformações no espaço podem ser vistas através da passagem do tempo. Augé (2010) cita o espaço-temporal como um paradoxo contemporâneo, relatando que a medida de tempo e espaço está alterada, produzindo uma nova percepção sobre a cidade. “O espaço terrestre se reduz e o tempo dos homens se acelera” (p.7) afirma o autor. O aumento da circulação de pessoas altera a sobrevivência da cidade. A mobilidade no espaço real e virtual condiciona e transforma o lugar. Assim, a economia e a política regem a mobilidade dentro das sociedades desenvolvidas contemporâneas.

Nessa fluidez, a cidade passa a compilar inúmeros fatores de transformações no seu desenvolvimento e conseqüentemente no seu desenho, sua forma. Aumenta a circulação de trabalhadores, multiplica-se o transporte coletivo, triplicam-se as vias, nascem os viadutos, e a vivência das pessoas vai transformando constantemente o espaço construído.

Desta forma, meu processo de criação passa, em primeiro lugar, pela percepção desse lugar. A sua atmosfera enquanto lugar de afeto. A capacidade do lugar, neste caso Pelotas, de fomentar derivas e cativar olhares com aparências descontextualizadas. A ação humana é exposta à cidade através dos tempos. Minha especulação é a exploração desse ambiente de deriva da cidade de Pelotas para elucidar sua estética através meus registros.

A compreensão deste estado levou-me à realização do vídeo, “Deambulações Satolépticas”, (2010) (Figura 2), produzido em maio de 2010, tendo como objetivo reunir fragmentos de imagens de percursos realizados pela cidade. Este trabalho registra o primeiro movimento em direção à captação de imagens, no qual falarei adiante.

A visão poética de contemplação durante as derivas é expressado através do anagrama de Pelotas, Satolep. Idealizado por Vitor Ramil <sup>3</sup> (Pelotas, 1962) que observa

---

<sup>3</sup> Compositor, cantor e escritor, o gaúcho Vitor Ramil começou sua carreira artística ainda adolescente, no começo dos anos 80. Na passagem dos anos 80 para os 90 Vitor longe dos estúdios e passou a dedicar-se ao palco, onde nasceu o personagem Barão de Satolep, um nobre pelotense pálido e corcunda, alter-ego do artista. Em 2003 apresentou-se em Genebra, no Teatro St. Gervais, Vitor deu uma conferência, tendo como tema “A estética do frio”, resultando num livro. Mais tarde, o músico e escritor, fez canções e textos descrevendo o cenário de uma cidade fictícia, mas com características reais, Satolep. De forma poética descreve o “clima” da cidade, apropriando-se do tema para uma leitura sensível do lugar. A utilização de antigas fotografias de Pelotas faz com que o romance se torne extremamente imagético, seu texto é contido, como pede, a sua busca pela estética do frio.

e descreve a cidade imaginada por ele e por muitos outros moradores de Satolep. A cidade com requintada boemia, de ruas que expressam a imensidão da imaginação, produz personagens e comportamentos que compõe a cultura desse ambiente. A minha escolha por percorrer essa cidade deve-se ao estado de pura deriva nesse ambiente plano.

As propriedades físicas e geográficas de Satolep são marcantes. Os elementos e o clima compõem uma paisagem plana, melancólica e bem definida. Ramil no livro a “Estética do Frio” (2004), compara a paisagem da cidade com a milonga-canção lenta e repetitiva composta de melancolia, densidade e reflexão cuja característica principal é violão e voz. Simples e monótona, aguçando os sentidos e estimulando intimismo dos seus cidadãos. A estética do frio é o conceito referente à criação a partir da estética do lugar. Imagem e música com propriedades definidas pelas palavras: rigor, profundidade, clareza, concisão, pureza e melancolia. Sua poética transforma essa leitura em poesia musical, onde o som transcreve o sentimento, envolvendo a percepção física do lugar, o clima, a orientação espacial, a forma e o sentido. Em seus livros relaciona esse ambiente diferenciado de Satolep, expressando o conceito de estética do frio, o qual é capaz de poetizar o lugar, salientando as características que revelam a cidade.

Nesse contexto, a imagem que me prende, ao percorrer o centro e a zona do porto de Pelotas, está resumida no sentimento de que as imagens se repetem seja nas fachadas alinhadas e paralelas às ruas ou no ritmo ditado pelas quadras. Durante as derivas pela cidade, nota-se existir uma mistura entre o imaginário e o real, favorecidos por essa repetição contínua.

Imaginação e realidade se confundem dentro dessa imagem monótona e repetitiva, padronizada pelo desenho desta região da cidade, com um ritmo ditado pelas ruas planas, quadriculadas, poucos prédios altos e uma arquitetura que obedece a características próprias: terrenos estreitos, uma ou duas janelas e uma porta.

(...) amiga dos silêncios e dos vazios, profunda, clara concisa; apropriada tanto aos vãos épicos como aos líricos, tanto a tensão como a suavidade. Que outra, se não essa música de nuances, intensa e extensa, poderia conciliar em uma só expressão a vastidão monocromática de campo e céu e o detalhismo sofisticado da arquitetura de Satolep? (Ramil,p.84, 2008)

Satolep, assim como qualquer outra cidade, é provida de características específicas. Ao percorrer a cidade, sinto a sua atmosfera, a qual deflagra elementos estéticos urbanos, que qualificam o sentido deste lugar. A influência da arquitetura e a presença impositiva de uma paisagem plana aterrorizam o olhar. As ruas parecem que levam ao infinito, o olhar não é interrompido a não ser pela cerração no inverno,

devido à grande porcentagem de umidade no ar. O olhar segue num conformismo, ou numa comodidade. A realidade é como ela se apresenta, sem expectativas, a não ser ao dobrar a esquina. No livro “Satolep” (2008), Ramil descreve poeticamente a paisagem de Pelotas, a sua estética a partir de elementos e a intensa vastidão do olhar sobre o que é olhado.

Transitar por essas ruas é absorver sua história e compreender sua aparição. Ruas de pedrinhas com infinitos paralelepípedos, arquiteturas ecléticas misturadas às edificações bizarras que só atendem ao apelo funcional da moradia. Muita luz, muito céu, infinitas quadras sem árvores, num ritmo ditado pela repetição, numa eterna diferença.

Essa descrição reflete a imagem que tenho de Pelotas. Em função disso, assemelho muito do que observo da estética desta cidade com a descrição poética de Pelotas dos livros de Ramil. Descrita também por ele de forma imagética e lúdica, tornando-se Satolep. A expressão traduz a cidade do imaginário coletivo, que discorre na sua imagem, que passa a ser refletida pela série de trabalho De Olhos Cerrados.

Sobre esse viés, minha poética apresenta em seu contexto a captura de imagens da cidade, casas que negam o fato de ser lar e de ser ruína. Casas mudas que parecem falar, pois cada fachada é como um rosto. As aberturas cobertas com tijolo ou madeira se assemelham aos orifícios e o seu grafismo as expressões do rosto. Embora ingênua, essa analogia representa a negação e o primitivismo da condição do objeto fotografado que é despertado pela riqueza de linhas e aparência dessas fachadas.

Essa percepção fez com que me reportasse para a Internacional Situacionista<sup>4</sup>, onde a arquitetura é o meio de alterar os atuais conceitos de tempo e espaço através do conhecimento e da ação. Para isso, alteram-se hábitos dos cidadãos, formando-se outra civilização. A consciência do espaço é o primeiro passo para série de mudanças propostas. O grupo acreditava na arte ligada à vida, a qual vai além dos padrões modernos, ligada às questões práticas do cotidiano como a cidade e o meio urbano. O grupo trabalhava, também, com a ideia da cidade construída para e pelo coletivo, abandonando a ideia de cidade ideal imposta aos seus moradores. Para essa construção coletiva, fazia-se necessário uma revolução na vida cotidiana coletiva, pois compreendiam que a mudança na cidade deveria ser realizada no dia-a-dia de cada habitante, desde as atividades mais simples do cotidiano.

---

<sup>4</sup> O grupo trabalhava, também, com a ideia da cidade construída para e pelo coletivo, abandonando a ideia de cidade ideal imposta aos seus moradores. Para essa construção coletiva, fazia-se necessário uma revolução na vida cotidiana coletiva, pois compreendiam que a mudança na cidade deveria ser realizada no dia-a-dia de cada habitante, desde as atividades mais simples do cotidiano.

A crítica situacionista tem base na observação e experiência da cidade, a experiência para apreensão de espaço, uma experimentação para apropriação do espaço urbano num pensamento singular e inovador. Um apelo contra a especulação econômica à cidade introduz a busca de um novo modelo de vida.

Através da “deriva” e da “psicogeografia”<sup>5</sup>, conceitos trabalhados pelos situacionistas, acreditava-se no processo do acaso e imprevisibilidade das ruas durante o percurso na cidade. Nesse contexto, a produção de mapas expressava os percursos realizados a partir da influência do ambiente, ou seja, sensações podiam ser descritas através de seus mapas, os quais iam além da representação racional do espaço.

A prática do deambular é denominada “deriva”<sup>6</sup>, em virtude do comportamento lúdico, construtivo e consciente dos efeitos da psicogeografia. Diferentes do passeio ou viagem, os percursos são definidos por contornos psicológicos com correntes constantes onde multidões limitam a chegada. Enfim o universo é indispensável para as derivas que se opõe a referências, como, por exemplo, a memória geográfica. Assim as características por Satolep auxiliam o estado de deriva devido a atmosfera peculiar, com ritmo ditado pelas suas ruas e arquitetura específica.

### **De olhos cerrados: a expressão da deambulação**

Nos trabalhos denominados a seguir a percepção da compreensão da cidade através das deambulações podem ser vistos sob vários meios.

O trabalho “Vitrines” foi desenvolvido em 2009, ele consiste em quatro objetos compostos de alumínio, vidro e adesivo. Cada um tem 1,25 m de largura, e 25 cm de profundidade e representam as casas lacradas e ocas de Satolep .

“Vitrines” traz referência ao comércio, propagandas nas lojas e as vitrines com produtos, e a estética das ruas de Satolep. Nele, imagens impressas em vinil transparente são inseridas em caixas de vidro vazias, onde o produto, numa referência as vitrines comerciais, neste caso, é a imagem. Casas ocas para aquários vazios, numa referência a expressão “aquários humanos” para casas, citado por Nelson Brissac Peixoto no livro “Paisagens Urbanas” (Peixoto, 2004, p. 277).

---

<sup>5</sup> A psicogeografia é a atividade teorizada pelo grupo, manifesta a ação direta da geografia sobre a emoção e o comportamento do indivíduo. Consiste em dividir a cidade em zonas de distintas de atmosferas psíquicas através de passeios descomprometidos no espaço urbano.

<sup>6</sup> No texto “Teoria da Deriva” (1958), Debord estabelece algumas condições para caracterizar a deriva e formatar a técnica. Uma característica da deriva é o acaso. Uma oposição à criação de hábitos, por isso a importância da descoberta, do novo produzindo a sintonia com o lúdico e psicológico.



Figura 1- Kelly Wendt, Vitrines, 2009

O mesmo consiste em quatro objetos compostos de suportes de alumínio com caixas de vidros e imagens das fachadas das casas cerradas, sendo essas dispostas no espaço expositivo em referência às quadras centrais de Satolep, quadras retas e sequenciais, com um ritmo e a um padrão específico da formação da cidade.

O fato de serem vitrines está associado aos percursos na cidade, entre a multidão do centro comercial da cidade e o apelo das vitrines com as mercadorias, objetos de desejo. O produto, objeto de consumo, é exposto aos olhares através de um material límpido, neste caso o vidro. A transparência e o reflexo seduzem e cativa os olhares. Transitar entre elas é perceber a experiência da forma da cidade, um apelo à estética das ruas. O adesivo utilizado faz uma alusão à linguagem publicitária, inserido nos vidros das vitrines juntamente com os produtos oferecidos pelo comércio

A imagem das casas lacradas, somadas uma a uma, traduz a continuidade da arquitetura quadra-a-quadra na cidade Pelotas. Enquanto fotografia estabelece uma relação com a realidade, a montagem das casas formam uma outra imagem, de uma cidade imaginária. Um estado de sonho somado à ideia do apelo da imagem na contemporaneidade, transportando o espectador à imaginação ou à cidade imaginada.

O múltiplo dos objetos e das imagens das casas remete à de repetição na continuidade perturbante da plenitude. O múltiplo é uma reprodução do meu olhar estampado de forma igualitária entre os objetos. A sua permanência enquanto imagem, devido à repetição, evoca o sentido de permanência na memória. Casas ocas



em aquários vazios evidenciam a relação fria entre as mercadorias, sejam produtos ou arquiteturas. Imagens de casas esquecidas em materiais assépticos na frieza do olhar dos cidadãos que caminham pela cidade absorvidos pela grande quantidade de imagens descartáveis, seja em forma de mercadoria ou propaganda.

Já o vídeo “Deambulações Satolépticas” (Figura 2), com duração de 10’, produzido em 2010, cria uma imagem que é dividida em 9 outras imagens em movimento, pequenos vídeos capturados durante percursos na região do porto em Pelotas. Em “looping” e com tempos distintos que variam de 30” a 1’30”, os vídeos formam uma imagem fragmentada com diferentes tempos e fisionomias.



Figura 2- Kelly Wendt, Deambulações Satolépticas, 2010, vídeo 10’

O vídeo não possui som, já que o objetivo é retratar o silêncio das derivas. Outro motivo importante é a metáfora das casas mudas para o emprego do silêncio bucólico.

O grupo Internacional Situacionista, o qual encontrava-se indignado pela crise das cidades, discutia novas ideias de vivência, e por isso seus percursos eram momentos de desbravamentos da cidade, percebendo suas fragilidades e sua decadência. A fragmentação da tela em vídeos distintos procura expressar o as deambulação pela cidade. A memória fragmentada que só guarda algumas imagens dos lugares visitados.

É pensando nesse aspecto que associo as imagens fragmentadas ao sentimento de deriva, uma imersão na cidade. A compreensão da mobilidade e das mudanças reflete o sentimento relatado por Walter Benjamin (2009) sobre sonho e surrealismo.

Os sonhos da modernidade para ele eram representados pelas transformações sociais e espaciais oriundas da era moderna, capitalismo, industrialização, tecnologia e, enfim, as consequências da modernidade nas cidades. Para ele, o sujeito mergulhava na coletividade num estado de vigilância, e o indivíduo associado ao capitalismo vivia um sonho nas cidades.

Assim, viver a experiência da cidade é para Benjamin (2009) um estado de sonho, um devir das imagens do cotidiano, que faz e refaz a cada instante. A imagem em movimento gerada pelos múltiplos vídeos traz como resultado a produção de imagens de uma memória fragmentada, como um sonho, ou também como fragmentos de experiências vividas que resultam em múltiplas imagens, as quais funcionam por seu conjunto.

Neste vídeo, reforço a idéia da vivência como uma imagem do passado, contida na memória, ou seja, a soma de todas as experiências revividas ao mesmo tempo. Assim como a idéia da imagem dialética, expressa por Walter Benjamin, principalmente na obra Passagens (2009), as imagens do presente e do passado, produzindo o devir, podem ser interpretadas pelo vídeo com a simultaneidade de imagens em movimento.

- sentido de deriva na cidade, o sentimento mais puro de deambulação, entre as imagens da cidade podendo deixar-se absorver pela cidade, apreender seu sentido, sua geografia e sua estética. Vivenciar seu agora, sua experiência, eximido de pré-leituras ou sentimentos anteriores. Perder-se para encontrar a cidade.



Figura 3 - Kelly Wendt, De fora para dentro, 2010

- trabalho “De fora para dentro” (2010) (Figura 3), consiste em 21 metros de imagem, resultado da união de 30 fotografias montadas. Com 1 metro de lar-

gura, seu objetivo era transportar para o Espaço de Arte Jabutipê, local em que foi instalado em agosto de 2010, o prédio Redentor, indústria abandonada no porto de Pelotas, na íntegra. Uma imagem que pudesse envolver o espectador ao entrar no espaço expositivo.

A instalação está relacionada com a ação de percorrer o espaço de Satolep, permitindo que o espectador fique imbuído pelo prédio. A imagem convexa do lugar dá lugar ao espaço côncavo, onde a expressão do lugar fica evidente pela grandeza de seu visual. Essa reprodução do espaço permite-me aproximar da ideia de fotografia, quanto reprodutora do olhar.

Nesse sentido, o trabalho privilegia, mais que nos outros casos, a imagem da arquitetura, pois sua presença aqui se torna mais impositiva em virtude da forma que é proposto, ocupando todas as paredes do espaço expositivo.

As fotos montadas fazem uma referência às foto-colagens de Gordon Matta Clark. O artista utilizava as fotos montadas das intervenções feitas nos prédios. Seus cortes nem sempre podiam ser apreciados pelos espectadores. Sua intenção era reproduzir não somente o que foi feito, mas a percepção do espectador ao se deparar com as fendas das casas. Suas foto-colagens (Figura 4) reproduziam, através da imagem, o movimento do olhar do espectador. Essa forma de reprodução garante uma percepção espacial, uma reconstrução do espaço físico através de imagens, que pelo tamanho e posição, permitem ao espectador essa compreensão.

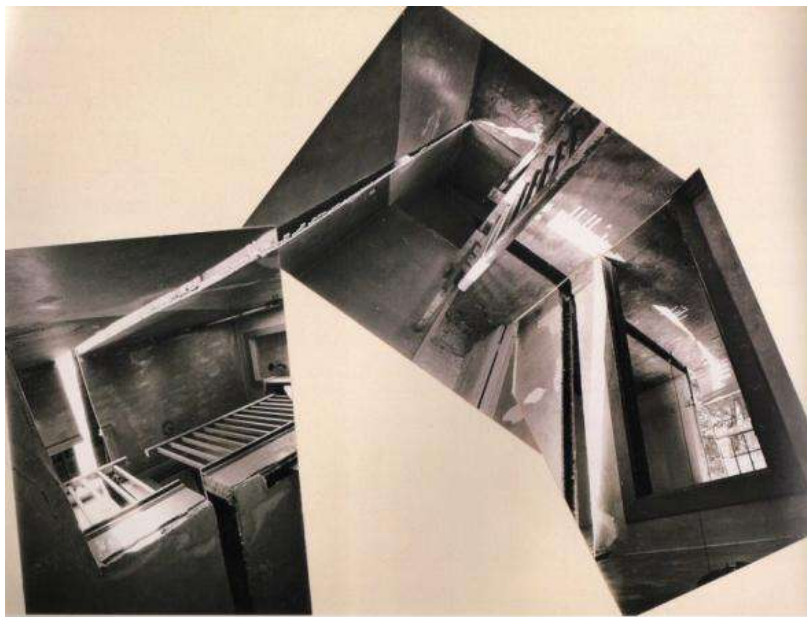


Figura 4 – Gordon Matta-Clark, “*Slipiting*”, 1974, fotocollagens em preto e branco 72,2x101,6 cm

O lugar ponto de partida é um prédio que ocupa uma quadra, as margens do canal São Gonçalo, o qual se encontra abandonado, jogado ao destino, restando

somente suas paredes com algumas portas e janelas cerradas. Redentor é seu nome, assim está escrito em sua fachada. De fora pra dentro traz uma visão melancólica do passado - um dia próspero e hoje remoto. Além disso, o trabalho pretende elucidar aos olhos do espectador a paisagem côncava de um sobrevivente do passado próspero de Satolep. A imagem convexa da quadra do Redentor se transforma num envolvente ambiente, no qual pode ser observada a decorrência da ação humana na modificação do ambiente e do espaço urbano.

Como diz acima, a percepção do espectador passa pela compreensão da ação humana no espaço urbano. Seja pelas contínuas pichações e intervenções com tijolos, para lacrar algumas de suas janelas e portas ou pelo abandono e depredação (acúmulo de lixo e saque).



Figura 5 - Kelly Wendt, De fora para dentro, 2010

O vídeo de 5', "Redentor" (2010) (Figura 6) realizado conjuntamente com o trabalho "De fora para dentro" consiste em capturar as imagens do prédio Redentor (indústria abandonada à beira do Canal São Gonçalo, Porto de Pelotas).

As imagens de "Redentor" são capturadas em percursos circulares. Durante a imagem em movimento, algumas se aceleram e outras são reproduzidas lentamente. Essa sensação da passagem do tempo é transmitida pela a passagem do olhar mais lento pelas coisas que interessam.



Figura 6 – Kelly Wendt, Redentor, 2010, vídeo 5’

O vídeo traz imagens de passagens em torno do prédio. Uma espécie de recordação, onde a nossa experiência vivida está aliada às imagens que tenho do presente. Pensando na imagem dialética de Benjamin onde o olhar sobre o passado é somado ao tempo de agora.

Sem som, o vídeo confunde a percepção do olhar, contribuindo com o silêncio do olhar e dos ouvidos ao mergulhar num lugar em que vive a lentidão dos tempos no abandono humano.

Por fim, essas reflexões e descrições mais formais dos trabalhos justificam as idéias vislumbradas em meio as deambulações por Satolep misturadas a teorizações conceituais providas dessa ação. Eles pretendem expor a estética urbana pelo ponto de vista de quem vive a experiência da cidade como uma ação perceptiva da sua atmosfera. Fazendo uma metáfora com os habitantes da cidade de olhos fechados para ela.

### Referências:

- AUGÉ, Marc. **Não Lugares**. Campinas: Papyrus, 1998.
- AUGÉ, Marc. **Por uma Antropologia da mobilidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica Arte e Política**, Obras Escolhidas I, .São Paulo: Editora Brasiliense,1987.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 2009 .
- DAVILA, Thierry. **Marcher, Créer**. Paris: Regard, 2002.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.
- RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo, Cosac e Naify edições, 2008.
- RAMIL, Vitor. **A Estética do Frio. Conferência de Genebra**. Porto Alegre: Satolep Livros,2004.
- RONÁI, Cora. **Fala Foto** RJ: Ed. Senac, 2006
- ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do homem**. São Paulo: Edusp, 2007.

SCULTZ, Sônia H. **Estéticas Urbanas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo** . editado e traduzido do francês por Ken Knabb  
,Publicado originalmente por Bureau of Public Secrets in 2002, disponível  
<http://www.cddc.vt.edu/bps/SI/debord/index.htm>

JAQUES, Paola B. **Breve Histórico Internacional Situacionista**- Arquitectos, São Paulo,  
Vitruvius, abril 2003, disponível <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/03.035/696>